

# O futuro da AFI: O desafio da Igreja na América do Sul

*Por Carlos Mraida*

Estamos sendo convocados, nesta ocasião, a pensar no nosso futuro como AFI, e na sua missão com relação à igreja em cada continente. Foi-me designado despertar a reflexão de vocês com relação a qual será o futuro da igreja no nosso continente latino americano, assim como o desafio para nós hoje.

Quando preparamos nossas malas de viagem, fazemos isso pensando no clima do lugar onde vivemos ou no clima do lugar em que vamos? Se você vai a Nova Iorque no inverno, ainda que você não saiba aonde vai exatamente, se olharem a sua mala saberão que você está indo para um lugar frio.

O que contém a nossa mala, na igreja da América do Sul, na mala da liderança da igreja da América do Sul? Se alguém vier hoje e abrir a mala, que roupas encontrará: a roupa que usamos para estar onde estamos ou a roupa de que necessitamos para o lugar onde vamos? Até onde Deus quer que vamos como igreja?

Obviamente, responder a esta pergunta excede amplamente a o que eu possa dizer. Creio que Deus, em encontros como esse, tem que nos dar uma perspectiva profética. Para que ninguém me interprete mal, entendo o profético como uma aproximação que tenta alcançar uma compreensão sistêmica do futuro, baseada em:

1. O que a Palavra de Deus diz, antecipa, profetiza.
2. O conhecimento do passado. O passado profetiza.
3. O reconhecimento e compreensão do presente, de tal maneira que nos ajude a traçar tendências e a projetar cenários possíveis.
4. A revelação. O que o Espírito Santo está falando à igreja de maneira mais específica neste tempo e neste contexto, anunciando o novo que Deus está fazendo e que fará. A perspectiva cristã não aceita o determinismo, e, além disso, cremos na intervenção nova de Deus em cada momento da história. Amós 3.7: *Porque Jeová, o Senhor, não fará nada sem que revele seu segredo aos seus servos os profetas.*

E, por que este exercício profético? O profético não se trata de conhecer o futuro somente para nos anteciparmos, nos moldarmos da melhor forma possível. Tampouco serve prioritariamente para planejar melhor. A intenção do profético é a transformação da realidade conforme o que a Palavra e o Espírito estão nos dizendo.

O futuro não se parece com o futuro que cremos hoje. Se aqui há uma liderança representativa, somos nós que determinaremos boa parte do futuro da igreja. Essa criação presente do futuro se realiza a partir do que cremos, quer dizer, da perspectiva teológica que temos, e do que fazemos, da perspectiva missiológica. Ambas as perspectivas determinam o que somos hoje e o que seremos.

Na realidade, creio que deveríamos falar dos futuros da igreja mais do que do futuro em si. Temos que pensar nos 3 Pês do futuro. O primeiro futuro trata-se do que é possível. O segundo futuro trata-se do que é provável. E o terceiro futuro do que é preferível.

## I. O Futuro Possível:

Em cada momento da história, e em todo lugar, só há dois modos possíveis de igreja. Jesus disse: *Não façam da casa do meu Pai um comércio (João 2.16).*

A igreja, como casa que serve como comércio, é uma igreja cativa pela cultura de seu tempo e, portanto, impossibilitada de transformar sua cultura. Igreja é a expressão corporativa de uma cultura. Ou somos expressão da cultura do Reino, que é a Cultura do Pai, ou somos expressão da cultura de comércio. No discipulado das novas gerações, teremos que escolher algum destes modos. Estamos no mundo, mas não somos do mundo.

Quando confundimos aculturação com adaptação cultural, caímos no cativo cultural, impossibilitados de transformar a realidade.

## II. O futuro Provável:

As tendências nos dizem que perfil a igreja tem hoje, na América do Sul, isto é, mais como casa de comércio do que como a casa do Pai. Aqui estão algumas características que descrevi amplamente na minha apresentação há uns dois anos, intitulada: *Reino, Igreja e Sociedade*:

- A cultura de comércio é a cultura narcisista. Esta visão da realidade também tem afetado os crentes com uma religiosidade centrada no eu, com um cristianismo sem conversão, com um cristianismo de autoajuda. Antes se falava de convertidos, mas hoje se fala de crentes, porque as pessoas não procuram mudar, mas antes, procuram se sentir bem. Por isso, hoje temos em todo o continente uns 50% de evangélicos que não congregam. Uma das causas é a decepção que as pessoas sofrem diante das provas da vida. Jesus previu isso na parábola dos 4 solos. Mas é o resultado de a pessoa ter sido vacinada com um evangelho centrado no eu, e quando Deus não responde às expectativas do eu, então me afasto.
- A cultura de comércio é a cultura do hiperindividualismo. Luc Ferry chamou nosso tempo de a época do "ultra individualismo", Pascal Bruckner o batizou de "superindividualismo". Lipovetsky qualificou este período de "segunda revolução individualista" ou a passagem do individualismo limitado para o individualismo total. Esta perspectiva individualista da fé leva as igrejas a ter gente que se converte em ouvintes que vêm para um culto particular e intimista: "Deus e eu": centenas de indivíduos que adoram isoladamente, sem notar os demais, sem discernir o Corpo de Cristo, e que vêm buscar bênçãos individuais, fazendo da casa do Pai uma casa de comércio.

Porém, na casa do Pai os adoradores adoram ao Pai como família do Pai, bem conscientes que não se pode amar a Deus se não amamos o nosso irmão. As leis do comércio enfatizam o eu, mas Deus a nós mesmos. O grande problema da igreja como Casa de Comércio que afirma o individualismo é que ela aprofunda o sentimento de orfandade, porque não conhecemos o Pai e não vivemos a experiência de ser família do Pai.

- A Cultura do Comércio é a do entretenimento. É a indústria número um. Tudo tem que ser divertido. Os pregadores não são mais apresentados como homens de Deus, mas como comunicadores dinâmicos. As pessoas mudam de igreja de acordo com o show na plataforma. Quando fazemos da igreja uma casa de comércio, passamos a ser somente ouvintes.

Hoje, há uma grande movimentação de crentes de igreja para igreja, de acordo com o show que se lhes oferece. Costumamos dizer: "Gostei muito da adoração; não gostei do pastor. Sim, estava bom". Gostei. Estava bom. Essas são exatamente as frases que se usa quando vamos ao cinema ou ao teatro. Isso se dá porque a igreja está cativa pela cultura do show, isto é, a cultura do show que os pastores promovem às pessoas, focando tudo nos metros quadrados mágicos, chamados de plataforma. Somos apresentados a uma variedade de estrelas do Rock, produzindo eventos em que os cantores são mais importantes do que os que trazem a Palavra e formam as pessoas, onde as pessoas definem a igreja pelo que acontece no cenário e o que fazem 15 pessoas, em vez de considerar-se a vida de comunidade e o impacto que isso provoca na cidade.

- A cultura de comércio é a do materialismo. Isso penetrou a igreja. Pregadores pregam o evangelho da prosperidade pela TV, e para poder alcança-la manipulam as pessoas para que deem. Quando Jesus teve que condenar a idolatria, não falou de Baal, nem de Astarte, mas sim, de Mamom. E disse que não se pode servir a dois senhores, porque Mamom exige devoção, submissão, obediência religiosa, mudança de mensagem.

Porque Mamom se aproveita da minha falta de sanidade emocional, e me envolve em projetos faraônicos para que eu sinta que estou fazendo algo grandioso e que me faça sentir importante. E o que acontece em seguida é que o projeto faraônico acaba consumindo o ministério, e você terá que deixar de ser fiel à mensagem porque terá que falar de outra coisa para ver se levanta dinheiro para o projeto. Isso quando não se levanta dinheiro para si mesmos. Na maioria dos casos se trata

de gente bem intencionada que procura encher o vazio que tem, ou por falta de identidade ou por ter a autoestima arruinada fazendo coisas para as quais Deus não os chamou.

- A cultura do comércio é a do consumismo. O consumismo é somente uma forma de tentar encher vazios. Os jovens viciados em êxtase nos dizem que seus pais consumiam coisas que nunca encheram o vazio deles, por isso, decidiram consumir êxtase para ver se isso iria preencher o vazio deles. O consumismo chegou também à igreja casa de comércio. As pessoas chegam e buscam receber. "Abençoe-me, me dá, encha-me, ministra a mim, dá-me o programa que necessito, o culto que mais me agrada". Isso se chama consumismo espiritual.

Mas a igreja não é uma máquina que alimenta o consumismo e que continua deixando as pessoas vazias. Como Eddy Leo nos disse no ano passado: cristãos dráculas, vampiros, vêm chupar e exigir mais e mais porque nunca se satisfazem. Por isso, vão de igreja em igreja. A Casa de Comércio gera clientes, não membros do corpo. O cliente nunca tem um compromisso puro. A mentalidade dos clientes é ir onde lhes dão a melhor qualidade pelo menor preço. Quando isso ocorre, você tem um cliente, mas quando outros lhes dão um serviço melhor ou um preço menor, eles mudam. Mas Jesus ensinou que você nunca se sentirá satisfeito até que você dê.

### III. O Futuro Preferível:

É o que devemos criar hoje, por meio das nossas decisões de que a igreja seja uma expressão da cultura do Reino, e seja a Casa do Pai, não uma Casa de Comércio. E é aqui em que todos nós temos um papel-chave. Porque se não discipularmos as novas gerações em função desse futuro preferível, só teremos o provável. Acontece que, lamentavelmente, as tendências estão nos marcando, e cada vez mais seremos casa de comércio.

1 Coríntios 12.4-6: "Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos." O fim da década de 60 trouxe consigo a recuperação dos dons do Espírito Santo. A década de 90 trouxe-nos a recuperação dos 5 ministérios de Cristo em Efésios 4. Temos que ser a geração que recuperará as operações do Pai.

Somos chamados a encarnar, na nossa geração, a paternidade de Deus, fazendo as operações do Pai, quer dizer, as obras do Pai.

João 14.10-13: "Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho."

A passagem nos diz várias coisas:

- As obras de Jesus eram as do Pai.
- As obras do Pai feitas por Jesus demonstravam sua unidade perfeita.
- Jesus voltou ao Pai, por conseguinte, não pode continuar fazendo as obras do Pai na Terra. O trabalhar do Pai hoje se dá por meio da igreja, chamada a fazer as obras do Pai.
- Quando a igreja manifesta a Paternidade de Deus, realiza obras maiores que as que Jesus fez, porque completa seu ministério, porque a igreja é a plenitude de Cristo, sua completude.

A igreja é a plenitude de Cristo: "E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos." (*Efésios 1.22-23*).

Natal é a encarnação de Cristo. Pentecostes é a encarnação do Espírito Santo. Necessitamos agora da encarnação do Pai.

O Espírito Santo foi derramado nos tempos posteriores para que a igreja encarne a paternidade de Deus no mundo, sendo Casa do Pai e, desta maneira, possa realizar as

obras maiores, que são as operações do Pai. Creio que a todos nós foram incumbidas as obras maiores, a encarnação da Paternidade de Deus.

Não tem que ver, primeiramente, com dons ou com ministérios, mas sim, com uma questão de atitude. Eu tenho que mostrar o coração do Pai com os meus dons e com meu ministério. Temos que expressar as obras maiores. Por quê são maiores?

Porque o mandamento maior é o amor a Deus e ao próximo. Porque o caminho mais excelente é o do amor, e se me falta isso, meus dons maravilhosos e meu ministério reconhecido serão como o címbalo que só faz barulho. Porque o maior no Reino é o que se faz como a um menino para se relacionar com Deus como Pai, para poder expressar prontamente essa paternidade.

As obras do Pai são as maiores, porque a única coisa que a igreja pode dar às pessoas e que o mundo não pode dar é o amor, o interesse genuíno pelo próximo, ouvir e abraçar as pessoas.

Aqui estão apenas alguns dos inumeráveis desafios para a igreja do nosso continente:

1. O desafio de fazer findar, na América do Sul, o sentimento de orfandade na vida dos pastores de uma vez por todas. Todos nós necessitamos de paternidade ministerial. Necessitamos gerar uma rede de pastoreamento de todos os pastores em cada cidade. Que todos nós tenhamos um pastor a quem recorrer quando precisarmos.
2. O desafio aos pastores da América do Sul de voltar a ser pais das pessoas. Isto é o contrário de ser um CEO de uma multinacional religiosa, de ser showmen, mas sim, pais próximos das pessoas. Que amem e ensinem a viver. Expressões da paternidade de Deus.
3. O desafio de fazer das nossas congregações casas do Pai, não casas de comércio. E esses 50% dos crentes que hoje não congregam (na Argentina são 66%) regressarão quando a casa estiver cheia do amor do Pai.
4. O desafio de ser pais ministeriais de jovens pastores, que, como Salomão, são providos por seu pai Davi com tudo o que têm em seu tesouro pessoal para levantar seu filho como rei, cumprindo a missão de superar seu pai.
5. O desafio de que a América Latina esteja sob a autoridade do Pai Celestial, não de patronos nem de mães.
6. O desafio de levantar uma nova geração de liderança paterna para a América Latina, não paternalista nem populista, que ensine às pessoas a cultura do esforço, do trabalho, como fez Lutero há 500 anos.
7. O desafio de fortalecer a congregação local, para que chegue a ser uma comunidade alternativa, a família do Pai. Na América do Sul, graças a Deus, a consciência do Reino de Deus tem crescido muito, e em países como a Argentina, o conceito de que em cada cidade há uma só igreja tem crescido muito também. Mas a congregação local tem sido muito ferida, especialmente entre as gerações jovens. Chega de profetas de protesto contra a igreja, e que venham os profetas de propostas.
8. O desafio diante de uma América Latina necessitada de transformação, que adormece as pessoas com entretenimento, convertendo-a em espectadoras, não em protagonista de mudanças, para que não se revelem as realidades injustas; pastorear as novas gerações com um discernimento constante que nos ajude a ser uma igreja aculturada, mas não domesticada. Chega de profetas moderninhos, e que venham os profetas transformadores. Que sejam integrados o que é tecnológico, artístico, comunicacional, como elementos importantes para gerar contato com o mundo de hoje, mas que sejam utilizados não para um show que faça dos cristãos ouvintes em vez de protagonistas de uma mudança coletiva, estabelecendo a contracultura do Reino, e que transformem a igreja na casa do Pai.
9. O desafio diante de um continente de pais ausentes e de milhões de órfãos; pastorear as novas gerações na Paternidade de Deus, e a igreja a família de Deus, corpo de Cristo, diante do evangelho não bíblico e individualista, privatizado e intimista, norte americanizado e "macdonalizado". A Bíblia toda está escrita para um povo, não para indivíduos. E como indivíduos podemos nos apropriar das

promessas que estão aí na medida em que nos tornamos parte deste povo. A igreja é a casa do Pai, a família de Deus que sara as pessoas de sua orfandade, conectando-a com o Pai e a sua família.

10. O desafio diante de um sistema que cada vez mais gira em torno da sobrevivência dos mais fortes e do "salve-se quem puder"; pastorear as novas gerações com um evangelho que não seja de autoajuda, antes, de ajuda aos demais. Na Argentina, por exemplo, é necessário mentorarmos mais de 1.100.000 jovens que hoje nem trabalham nem estudam para erradicar a pobreza estrutural das nossas nações, a corrupção impregnada na nossa sociedade. O sentido da vida não está em se sentir bem, mas sim, em se cumprir o propósito transformacional de Deus.

Que a nossa geração seja aquela que recuperará as operações do Pai, as obras maiores, os ministérios que encarnam a paternidade de Deus e de uma igreja que será a casa do Pai para entronizar o nosso Deus como Pai sobre a América Latina.

A essência do evangelho é a Paternidade de Deus. Deus se revela a si mesmo como Pai. Jesus é o caminho ao Pai. O Espírito Santo intercede dizendo Abba Pai. E o diabo se nos apresenta como pai de mentiras. Porque a paternidade é a chave da vida. A raiz de todos os problemas espirituais, emocionais e materiais é a falta de paternidade.

As obras maiores, o grande avivamento que vem, o dos últimos tempos nos foi prometido quando o coração dos pais se voltarem aos filhos e dos filhos aos pais.

Se hoje abirmos a mala da igreja de hoje, não veremos a roupa para o lugar para o qual estamos indo, antes, veremos que a maioria está com as roupas para onde estamos hoje. Por isso, Deus quer, hoje, encher as malas com a sua paternidade, porque nós faremos as obras maiores, as obras do Pai.